



CORSEGA — VISTA DE AJACCIO.

A Corsega é uma ilha importante do Mediterraneo, celebre por ter sido patria do maior capitão d'este seculo.

Pouco se sabe dos seus primitivos habitantes. Por uma inscripção encontrada em Roma no anno de 1715 consta que Lucio Scipião, filho de Cornelio Scipião, no anno 494 da fundação d'aquella cidade, se apoderára da Corsega e outras ilhas do Mediterraneo, expulsando d'ellas os carthaginezes, que disputavam com os indigenas a sua posse.

Plinio conta na ilha trinta e tres cidades ou villas; Strabão indicou algumas, e Ptolomeu enumerou-as completamente, designando além d'isto, os rios, os cabos etc. Diodoro de Sicilia diz que no seu tempo a população não excedia de 30:000 almas, o que é difficil de conciliar com o numero de cidades citadas por Plinio e Ptolomeu.

Entre as povoações habitadas pelos romanos as mais importantes parece terem sido Aleria, e Mariana, fundada por Mario. E são de feito estes pontos os unicos, por assim dizer, em que se encontram fragmentos de antigas esculpturas, algumas inscripções, medalhas e pedras gravadas, indicando a dominação romana.

Os godos succederam aos romanos na posse da Corsega, e depois os papas. Em 598 S. Gregorio o grande ordenou a Pedro, bispo de Aleria, que construise ali uma basilica e um baptisterio, como refere Baronio. Quando os serracenos devastaram as costas da Italia, arrancaram esta ilha do poder dos soberanos

pontifices, e a assolaram. Successivamente assenhorearam-se d'ella Pepino, Carlos Magno, e seus filhos, os pizanos e os genovezes. A estes dous ultimos povos é que a Corsega deve a construcção da maxima parte das suas igrejas, conventos, e principaes monumentos.

Os genovezes foram senhores da Corsega até o reinado de Luiz XV, durante o qual, em 1768, a cederam á França, fatigados da guerra que lhes moviam os habitantes desde meio seculo, e na qual se distinguiram com especialidade Cecaldi, Gafforio e Paoli. Gafforio foi morto á traição, cêrca da cidade de Corte, que tomara aos genovezes. Paoli em vão tentou resistir aos francezes, e foi morrer a Inglaterra, cujo governo chamára em auxilio da causa que defendia. Em 1796 os francezes retomaram a Corsega, e de então para cá nunca ella deixou de lhe pertencer.

As principaes cidades modernas da Corsega são Corte, situada no centro da ilha, no confluyente dos dous rios que nascem no monte Rotondo, ponto mais elevado da ilha. Importante pela sua posição geographica não o é menos pela parte que tem tomado nas guerras intestinas: era a capital da ilha antes dos genovezes transferirem a séde do governo para Bastia. É construida em amphitheatro; tem boa casaria, um vasto quartel, e uma cidadella, edificada sobre um cabeço, que dominando a cidade, varre com o fogo de suas baterias a unica estrada que existe entre Ajaccio e Bastia. O termo de Corte é pouco ex-

tenso e limitado por todos os lados por montanhas graníticas.

Bastia, que é a terra mais rica de toda a ilha, foi a capital no tempo dos genovezes; está situada na base no cabo Corso, na costa oriental, em frente da ilha de Elba. É bem edificada, e tem um optimo porto. Os seus monumentos mais curiosos são a cidadella, algumas das igrejas, no estylo da renascença italiana, e um theatro. É séde de uma sub-perfeitura, e de um tribunal civil.

Ao meio dia do cantão de Vico, apenas notavel pelo seu estabelecimento de banhos de aguas mineraes, abre-se um golfo magnifico, que faz recordar, em ponto pequeno, o de Napoles; é o porto ou rada de Ajaccio. Esta ultima cidade, patria do famoso Napoleão I, ergue-se nas margens do mar, ao septentrião do golfo; sendo presentemente capital do departamento da Corsega. É melhor edificada que Bastia, mas mais pequena.

Incendiada no decimo seculo pelos serracenos, abandonada depois pelos habitantes, esta cidade era primitivamente situada mais longe, no fundo do golfo, onde ainda se encontram bastantes ruinas; reconstruida mais tarde no sitio em que hoje se acha, foi fortificada no decimo sexto seculo pelo marechal de Termes, a quem se devem tambem as obras da cidadella e das muralhas, que fecham a povoação ao sul. Os caes são excellentes, havendo proximo do desembarque uma grande praça, que é onde se faz o mercado. A vista que damos no presente numero é tomada das alturas que dominam a cidade ao norte.

É Ajaccio estancia mui aprazivel: no seu termo produzem-se bellos vinhos.

No fundo do golfo de Ajaccio ha um pequeno forte sobre uma imminencia: um pouco mais longe vê-se a torre de Capitello, construida pelos genovezes, e na qual, em o anno de 1793, Napoleão, chefe de batalhão de guardas nacionaes, sustentou um pequeno sitio contra os insurreccionados, então senhores de Ajaccio. Tendo partido de Bastia a bordo de uma fragata, acompanhado de um representante do povo, com o fim de sujeitar esta cidade á auctoridade franceza, tratou de tomar posse da torre de Capitello com uma chalupa guarnecida por cincoenta homens; mas como o estado do mar não lhe permittisse communicar com a fragata, viu-se obrigado a fortificar-se na torre, defendendo-se ahí contra os rebeldes, que a final reduziu á obediencia.

As outras povoações são menos consideraveis, e absteino-nos de as indicar, porque não é nosso intento fazer uma descripção completa da Corsega.

Foi sempre mui pouco activa a industria d'esta ilha, reduzindo-se, nos antigos tempos, quasi que á extracção de rezinás, e á criação de gado lanigero. Tambem colhiam os corsos muito mel e muita cêra.

Actualmente os corsos não estão mais adiantados. Da lã parda das ovelhas fabricam grosseiros tecidos, de que se vestem os habitantes dos campos, e das pelles curtidas fazem odres em que envazilham o vinho, e mesmo a agua. Não usam carros, nem outros vehiculos d'esta especie, porque não lh'os permittem os caminhos ingremes que lhes servem de estradas.

Bastia é o porto onde se faz o commercio de vinho e de courama, sendo d'ali exportados estes productos por pequenos navios procedentes das costas de França e Italia, que em retorno conduzem a maior parte dos generos de consumo na ilha.

Calcula-se a população da Corsega em 190:000 habitantes, pouco mais ou menos.

Em meados de fevereiro recebeu sir Hamilton Seymour um officio de lord J. Russel. Era a resposta ao que o imperador Nicolau propozera. Não considera o ministro inglez o estado da Turquia tão assustador como se inculca. Fazendo allusão ás questões, que ali se têm levantado ultimamente ácerca dos logares santos e do Montenegro, diz que essas questões, posto que encerrem difficuldades, são estranhas aos negocios interiores do paiz, sendo mais concernentes á Russia, á França, e á Austria do que á propria Turquia: «de sorte que não existe motivo sufficiente para se declarar ao sultão que não se acha em estado de manter a paz no interior, ou de conservar as relações amigaveis com os seus visinhos.» Citando varios exemplos historicos, como os arranjos concluidos entre a França e Inglaterra para o caso da successão de Hespanha por morte de Carlos II, para provar que a dissolução do imperio ottomano é uma cousa inteiramente differente, pois que no primeiro caso previa-se um acontecimento proximo e inevitavel, em quanto que no segundo ha apenas uma eventualidade, que pode levar vinte, cincoenta, ou cem annos para se realizar, conclue que «em taes circumstancias seria pouco compativel com as disposições amigaveis, que animam o imperador da Russia, não menos que sua magestade a rainha da Grã-Bretanha para com o sultão, dispôr d'ante mão das provincias que lhe pertencem.» Faz ver que qualquer arranjo n'este sentido «tenderia indubitavelmente a accelerar a eventualidade a que se deseja prover.» Observa que não seria um procedimento leal occultar á Austria e á França o accôrdo que se tomasse, e além d'isto que o segredo não era conducente ao fim a que se propunham, o de evitar uma guerra europea. Por outro lado mostra, que, dando-se áquellas potencias o devido conhecimento da transacção, o segredo não se conservaria por muito tempo, e d'aqui resultaria assustarem e alienarem de si o animo do sultão, ao mesmo tempo que se excitavam contra elle todos os seus inimigos. «D'est'arte se faria nascer e tomar incremento essa anarchia, que se receia, e então a grande providencia dos amigos do enfermo seria a causa da sua morte.» Para demonstrar quão pouco respeitadas são os compromissos d'este genero, logo que se levanta uma forte tentação de os violar, cita o exemplo da guerra da successão de Hespanha. Diz que a posição do imperador da Russia, como depositario de Constantinopla, seria exposta a muitos perigos, «tanto por causa da ambição de longa data do seu povo, como por motivo das rivalidades da Europa; que o proprietario definitivo, qualquer que fosse, não se resignaria á vida inerte e indolente dos descendentes de Mahomet II; sendo certo que parece naturalmente destinada uma grande influencia sobre os negocios da Europa para o senhor de Constantinopla, possuidor das chaves do Mediterraneo e do mar Negro.» Lord J. Russel terminava o seu officio com as seguintes palavras: «Por este modo surgiria necessariamente uma luta europea dos meios empregados para a conjurar; pois que nem a Inglaterra, nem a França, nem provavelmente a Austria consentiriam, que a Russia tomasse definitivamente posse de Constantinopla.»

Este despacho chegou a S. Petersburgo em 19 de fevereiro. No dia seguinte, encontrando-se sir H. Seymour com o imperador n'um sarau dado pela grã-

duqueza, esposa do grão-duque herdeiro, perguntou-lhe o czar pela resposta do seu governo. O embaixador, respondendo que a recebera, acrescentou que ella era tal qual lh'a fizera esperar.

Então o imperador exclamou: «Sinto saber isso, mas creio que o seu governo não comprehendeu bem o meu fim. Estou menos impaciente por saber o que se ha de fazer assim que o enfermo morrer, do que por determinar com a Inglaterra o que se não ha de fazer quando este successo tiver logar.»

Ponderou o embaixador, entre outras razões, que não via motivo para julgar o doente em artigos de morte, excepto se lhe sobrevier alguma crise imprevisita. Mas que n'este caso o seu governo, deseioso de que o enfermo continue a existir, e attribuindo iguaes desejos a sua magestade imperial, conta com o seu generoso concurso para evitar a catastrophe.

«Pois se o seu governo crê, que a Turquia conserva alguns elementos de vida, digo-lhe então que tem recebido informações inexactas. Torno a repetir-lhe, o doente morre, e nós de modo algum podemos permittir que um tal acontecimento nos tome de surpresa. É necessario que cheguemos a um accôrdo, e estou convencido que chegariamos a elle se eu tivesse sómente dez minutos de conversação com os seus ministros, com lord Aberdeen, por exemplo, que me conhece tão bem, e que deposita em mim tão inteira confiança, quanta eu n'elle tenho. E não perca de vista, que eu não pretendo um tratado, nem um protocolo; desejo simplesmente um accôrdo em geral. Entre pessoas de bem basta isto; e n'este caso estou seguro que haveria tão grande confiança da parte dos ministros da rainha como da minha parte. Por hoje fiquemos aqui, mas venha amanhã; e todas as vezes que julgar que uma conversação comigo pôde contribuir para nos entendermos sobre um ponto, qualquer que seja, faça-me saber que me deseja falar.»

Sir H. Seymour concluia o officio em que dava conta d'esta conversação importante com as seguintes observações:

«Não pode haver duvida de que um soberano, que insiste com tanta pertinacia na opinião de que um estado visinho está proximo a derrocar-se, deixe de ter pensado e resolvido, que está chegado o momento, não de esperar a sua dissolução, mas de a provocar. Julguei então, como julgo agora, que não se teria concebido uma tal hypothese, se não existira alguma intelligencia, talvez em geral, mas em todo o caso íntima, entre a Russia e a Austria. Suppondo que as minhas suspeitas são fundadas, o fim do imperador é fazer entrar o governo da rainha, conjuntamente com os gabinetes de S. Petersburgo e Vienna, n'um plano de partilha da Turquia, excluindo a França d'este arranjo.»

Este officio era datado de 21 de fevereiro de 1853. No dia seguinte dirigiu sir H. Seymour outro despacho ao seu governo, em que lhe participava o que acabava de passar com o imperador por occasião de lhe ir mostrar o officio de lord J. Russel.

O czar interrompeu por vezes a leitura d'este documento para fazer algumas observações. Na primeira insistindo em que o imperio ottomano estava proximo a cair, disse que «este acontecimento podia ser acarretado de um momento para outro por uma guerra estrangeira, ou pela luta do velho partido turco com o das novas e superficiaes reformas francezas; ou mesmo por uma insurreição dos christãos, que é sabido estarem impacientissimos por sacudir o jugo musulmano.» Quanto á primeira causa, accrescen-

tou «que tinha bastante fundamento para a assignalar, pois que se não tivera embargado a marcha victoriosa do general Diebitsch em 1829, a auctoridade do sultão teria acabado.» Em seguida recordou ao embaixador, que, quando a Turquia se viu invadida pelos exercitos do pachá do Egypto «elle czar, e só elle, se apressou a soccorrer o sultão.»

N'outra interrupção da leitura observou o imperador, que «o governo da rainha não parecia estar convencido de que o seu principal objecto era obter do governo de sua magestade britannica qualquer declaração, ou mesmo qualquer opinião a respeito do que deve ser interdicto no caso de uma queda repentina do imperio turco.»

A isto respondeu o embaixador: «Vossa magestade é tão benigno, que talvez não tenha duvida em explicar as suas proprias idéas a respeito d'essa politica negativa.» Sua magestade (escreve sir H. Seymour) hesitou por algum tempo em responder-me, mas a final disse: «Pois bem, ha muitas cousas que eu nunca tolerarei; e vou começar por nós proprios. Nunca hei de tolerar a occupação permanente de Constantinopla pelos russos. Dito isto, acrescentarei que Constantinopla nunca será occupada pela Inglaterra, nem pela França, nem por outra qualquer grande nação. Além d'isso nunca permittirei que se tente reconstituir o imperio bysantino, nem que se pretenda dar á Grecia uma extensão tal, que possa vir a ser um estado poderoso. Ainda menos permitto a desmembração da Turquia em pequenas republicas, asylos dos Kossuths, dos Mazzinis, e dos outros revolucionarios da Europa. Antes quero romper uma guerra, e sustental-a em quanto puder dispor de um homem e de um fuzil, do que sujeitar-me a qualquer d'esses arranjos. Eis aqui algumas das minhas idéas; agora communique-me algumas das suas em troca.»

O embaixador recordou ao czar as seguranças dadas pela Inglaterra de nunca tentar possuir Constantinopla, e ao mesmo tempo lhe fez ver a aversão que tinha o seu governo de entrar em arranjos eventuaes. Instado porém de novo para se explicar, disse:

«Pois bem, senhor, direi alguma coisa, posto que as minhas idéas podem não convir a vossa magestade, nem ao governo da rainha; entretanto o que é bom de homem para homem, é muitas vezes um bom systema de estado para estado. O que succederia se, na eventualidade de alguma catastrophe na Turquia, a Russia e a Inglaterra declarassem, que não permitiriam a potencia alguma tomar posse d'estas provincias? Havia de ficar o territorio como debaixo de sello até que algum arranjo amigavel determinasse a sua adjudicação?»

«Não direi que uma tal situação seja impossivel, observou o imperador, mas convenho que é bastante difficil. Na Turquia não ha elementos de governo provincial ou communal, e então veriamos os turcos atacando os christãos, estes caíndo sobre os turcos, e os christãos dos differentes ritos ás bulhas entre si: n'uma palavra, veriamos o cháos e a anarchia.»

«Senhor, exclamou o embaixador, se vossa magestade me permite fallar com franqueza, direi que a grande differença que ha entre nós consiste em que vossa magestade continúa a insistir na queda da Turquia, e nos arranjos para a intervenção antes e depois da queda, e nós, pelo contrario, pensámos em manter a Turquia tal qual está, e nas precauções, que são necessarias para impedir que a sua condição peore.»

«Ah! replicou o imperador, é isso mesmo o que

o chanceller me diz sem cessar; mas qualquer dia acontecerá a catastrophe, e nos achará desprevenidos.» Depois passando a fallar da França, continuou: «Deus me defenda de accusar alguém injustamente, mas dão-se circumstancias, tanto em Constantinopla como no Montenegro, que são extremamente suspeitas. Affiguram-se-me as cousas, como se o-governo francez se esforçasse para nos pôr a todos em conflicto no Oriente, esperando por este meio chegar melhor aos seus fins. Um dos seus projectos é, sem duvida, a posse de Tunis.» Proseguindo, disse: «Que não o preocupava a politica, que a França julgasse conveniente seguir nos negocios do Oriente, e que, havia pouco mais de um mez, fizera constar ao sultão, que se este solicitasse o seu auxilio para resistir ás ameaças da França, estava inteiramente á sua disposição.» O imperador tornou então a repetir, que o que só queria era combinar-se com a Inglaterra, «não para decidir tudo o que se faria, mas sim para determinar tudo o que não se havia de fazer;» repetindo tambem que do mais não se importava.

O embaixador, desejoso como elle diz, de saber se haveria algum accôrdo entre os gabinetes de S. Petersburgo e de Vienna, fez a seguinte observação:

«Mas vossa magestade esqueceu-se da Austria. Actualmente todas estas questões do Oriente a interessam muito de perto; e ha de esperar, sem duvida, ser consultada.»

«Oh! replicou o imperador com grande surpresa do ministro inglez, deve saber, que quando eu fallo da Russia, fallo tambem da Austria. O que convem a uma convem a outra. Os nossos interesses a respeito da Turquia são perfeitamente identicos.»

Posto que sir H. Seymour desejasse fazer mais algumas perguntas a este respeito não se atreveu a isso. A conversação recaiu então sobre o ponto do officio de lord J. Russel, em que diz: «Tanto por causa da ambição de longa data do seu povo etc. O czar pediu explicação d'esta phrase, a que o embaixador satisfez, dizendo que lord J. Russel não alludia á ambição de sua magestade, mas sim á que nutre o seu povo; e para justificação da phrase, recordou-lhe uma passagem de uma carta confidencial do imperador Alexandre para lord Castlereagh, escripta em 1822, e na qual este soberano dizia: «Que era o unico russo, que resistia ás vistas dos seus subditos sobre a Turquia, resultando-lhe d'este antagonismo a perda da popularidade.»

«Tem razão, lembro-me muito bem dos acontecimentos a que meu irmão fazia allusão. É verdade, que a imperatriz Catharina se deixava possuir de toda a sorte de visões de ambição; mas não é menos verdade, que os seus descendentes não participam inteiramente das mesmas idéas. Bem sabe como me comporte para com o sultão. Este senhor viola para comigo a sua palavra escripta; obra de uma maneira, que me é extremamente desagradavel, e eu contento-me de mandar um embaixador a Constantinopla para pedir reparação. É indubitavel que se eu quizesse teria mandado um exercito, cousa alguma o poderia impedir; porém contentei-me de fazer algum apparato de forças, que provará que não quero ser ludibriado.»

O embaixador, louvando esta moderação, e exhortando-o a proseguir n'ella, tratou de desculpar o governo ottomano dos procedimentos de que o czar se queixava; e terminou lembrando «que o perigo não estava actualmente na Turquia, mas sim no espirito revolucionario, que rebentou na Europa em 1848, e que ainda está minando por baixo da terra em mui-

tos paizes. N'isto é que está o perigo, e uma guerra com a Turquia será, sem questão, o signal do rompimento de novas explosões na Italia, na Hungria, e n'outras partes. Bem vemos o que se passa em Milão.»

O imperador, em vez de responder a esta intimidação, passou a fallar do Montenegro, approvando o proceder da Austria relativamente a este paiz, condemnando o comportamento dos turcos, e mostrando a sua sympathia «por um povo como os montenegrinos tão energicamente afferrados á sua religião, e que por tanto tempo têm defendido o seu territorio contra os turcos.»

As desculpas com que o embaixador procurou justificar ou attenuar o procedimento dos turcos no Montenegro, respondeu o czar:

«Digo lhe francamente que se Omer pachá fizesse qualquer tentativa para exterminar este povo, e provocasse assim uma insurreição geral dos christãos, o sultão, segundo todas as probabilidades, perderia o seu throno, e n'este caso cairia para nunca mais se levantar. Desejaria sustentar a sua auctoridade, mas se a perder, acabou para todo o sempre. O imperio turco é um d'esses estados, que a civilisação tolera, porém que não reconstrue.»

Continuando, disse que «na eventualidade da dissolução do imperio ottomano, pensava que podia ser menos difficil do que geralmente se acreditava, chegar a um arranjo territorial satisfactorio. Os principados são com effeito um estado independente sob a minha protecção; isto pode continuar assim. A Servia pode tomar igual forma de governo, e a Bulgaria da mesma maneira. Não ha razão; me parece, para que esta provincia não forme um estado independente. Quanto ao Egypto comprehendo perfeitamente a importancia, que este paiz tem para a Inglaterra. O que posso dizer é que, se na eventualidade d'uma partilha da successão ottomana, pela queda d'este imperio, os inglezes tomassem posse do Egypto, não tinha objecções a fazer. A respeito de Candia, digo outro tanto. Esta ilha pode convir á Inglaterra, e não sei porque não ha de ser uma possessão ingleza.»

«Como eu não queria, escreve o embaixador para o seu governo, que o imperador imaginasse, que um servidor publico da Inglaterra se deixava seduzir por uma tal proposta, respondi unicamente, que sempre tive para mim, que as vistas da Inglaterra sobre o Egypto não passavam além do desejo de assegurar prompta e facil communicacão entre a India ingleza e a mãe patria.»

O imperador acabou a conversação, expressando a sua ardente affeição pela rainha Victoria, e o seu respeito pelos actuaes conselheiros d'esta soberana; e pedindo ao embaixador, «que convidasse o seu governo para tornar a escrever sobre este assumpto, porém mais cabalmente, e sem hesitação.»

O officio de sir Hamilton Seymour, em que se narrava esta conversa, terminava dizendo, «que tinha a consciencia de se ter esquecido dos termos precisos de que se serviu o imperador, quando fallou a respeito da politica commercial, que se devia seguir logo que a cidade de Constantinopla deixasse de estar em poder dos turcos. Porém o fando da observação era que a Inglaterra e a Russia tinham commum interesse em prover ao mais facil accesso entre o mar Negro e o Mediterraneo.»

(Continúa.)

I. DE VILHENA BARBOSA.

FABRICAÇÃO ECONOMICA DE CERVEJA.

O aparelho, que representa a gravura, é devido ao engenho de Godard, chimico industrial, e tem por fim facilitar a fabricação da cerveja.

Cada quartola de cem garrafas assevera-se que pode importar em 1\$800 réis, pouco mais ou menos; é um preço extremamente modico, que proporciona ás familias menos abastadas o uso de uma bebida mui higienica e agradável: de mais a mais, com o aparelho de Godard, a fabricação da cerveja é tão facil, que até pode commodamente fazer-se em qualquer casa.



Compõe-se o referido aparelho, que poderá muito bem construir-se em algumas das excellentes fabricas de Lisboa ou Porto, de uma caldeira de folha de flandres, cobre ou ferro estanhado, passando-lhe pelo meio um cylindro; ao fundo do cylindro adapta-se, por meio de certas peças de ferro, uma especie de prato tambem de ferro, no qual se accende o carvão, aticando-se o fogo pela boca do cylindro, que fica destapada; no interior da caldeira ha um ralo, para evitar que se entupa a torneira, por onde deve extrahir-se o liquido. Este aparelho é assente sobre tres pés, e tem uma tampa, que collocada em seu lugar, apenas deixa descoberta a boca do cylindro, como já dissemos.

Para fazer 100 litros de cerveja é mister: 1.º deitar 60 litros de agua na caldeira; 2.º em seguida misturar-lhe a quantidade de substancias indicada nas receitas usuaes; 3.º fechar o aparelho com a respectiva tampa; 4.º accender convenientemente o lume, sendo preferivel o carvão grosso de sepa.

Uma hora depois, pouco mais ou menos, a agua levanta fervura; deixa-se ferver hora e meia, depois decanta-se, vasando-se o liquido na quartola. Deitam-se novamente na caldeira 50 litros de agua; faz-se ferver esta por espaço de uma hora; decanta-se tambem, e passa-se para a quartola, juntando-lhe então a porção de assucar conveniente.

Devem sempre conservar-se dous ou tres litros de liquido, pelo menos, para dissolver o fermento que se deita na quartola, e para a encher, á medida que a fermentação se vae operando.

Terminada esta, cumpre transportar a quartola para logar subterraneo, sendo possivel, afim de que experimente mudança de temperatura.

No dia seguinte põe-se-lhe a competente torneira, e por meio d'ella se tiram duas ou tres garrafas de cerveja, e procede-se á clarificação, com boa colla de peixe, que se deita pelo batoque, agitando-a violentamente com um pau; enche-se novamente com a cerveja que se havia tirado, e deixa-se em repouso pelo menos dous dias; depois pode engarrafar-se com segurança.

LAGO DE ENXOFRE.

No *Southern Californian* encontra-se a seguinte descripção de um lago de enxofre, descoberto no territorio de Utah (California). Eis como se exprime a este respeito o descobridor d'esta maravilha natural, o sr. Carvalho.

«O nosso interprete indio disse-me que nas imediações de Corn-Creek, a distancia de 33 milhas de Fillmore, existia um lago de enxofre.

«Logo depois de almoço puzemo-nos a caminho em busca do lago prodigioso.

«Saímos da estrada, e a distancia de duas milhas e meia do campo, na direcção sul-sudoeste, descobrimos o lago.

«O gaz hydrogenio sulfuroso que d'elle se exhalava era tão forte, que por alguns momentos nos entonteceu a cabeça.

«O valle, ou antes a bacia, tem perto de uma milha de diametro, e toda a sua superficie está coberta d'uma crosta composta de enxofre e de alumen fortemente impregnados de acido sulfurico.

«Ouvimos distinctamente um arruido subterraneo, que muitos dos nossos attribuiram a fogos interiores; mas escavando no sitio d'onde parecia provir a bulha, vimos erguer-se um jorro de agua com cerca de dezouto pollegadas de altura. Esta agua estava um pouco misturada de acido sulfurico, formado pela acção volcanica; o arruido que tinhamos ouvido era causado pela evaporação d'este gaz. Em alguns pontos via-se grande quantidade de enxofre, e em outros encontrava-se pedra hume.

«Caminhando sobre aquella crosta o pezo do corpo fazia-a ceder como se tivera pouca espessura.

«A pouca distancia do lago crescem pinheiros e cedros de consideraveis dimensões. Mas nas margens não se conhece o menor vestigio de vegetação; as collinas a oeste são compostas de carbonato de cal, produzido pelos fogos subterraneos.»

EXEMPLO LOUVAVEL.

A um grande principe de Italia pedia um ecclesiastico seu vassallo que lhe fizesse mercê de certa igreja.

E quanto rende essa igreja? perguntou o principe. Serenissimo, respondeu o pretendente, rende outocentos até mil escudos. Bem está, não é muito o rendimento. E quantos freguezes tem? tornou o principe a perguntar. E como o pretendente dissesse que não sabia, o despacho com ultimo e severa resolução foi este. E vós sabeis a conta dos escudos que haveis de comer, e não sabeis o numero ás almas que haveis de curar? Pois não sois digno de ter igreja, nem de apparecer diante de mim; ide-vos embora.

Oxalá que todos os que fazem semelhantes providimentos fizessem este exame: e que ao menos o fizessem os que os pretendem, e são providos.

NAVEGADORES ESTRANGEIROS.

IV.

DE COOK A LA PEYBOUSE.

1768-1788.

Jacques Cook, nasceu em Marton, pequena villa do condado de York, em Inglaterra, a 27 de outubro de 1728; seus paes eram pobres-servos do campo. Aos treze annos de idade, Jacques era caixeiro de uma mercearia, porém desgostoso d'este modo de vida, embarcou como moço e depois como marinheiro em um navio mercante. Em 1755, sendo já contra-mestre, passou a servir na marinha real, em consequencia de haver rebentado a guerra entre a França e a Grã-Bretanha. Em 1759 foi nomeado mestre de uma fragata, e depois empregado como engenheiro de marinha no Canadá e na Terra Nova. Uma vocação decidida o impellia para o estudo das mathematicas; e quando, á volta de Wallis e Carteret, se procurou um homem capaz de desempenhar, com aproveitamento para a sciencia, uma nova viagem á roda do mundo, a escolha recaiu em Cook, que então recebeu a patente de tenente de marinha, com o commando do navio *Diligencia* (*Endeavour*). A 26 de agosto de 1768 fez-se á vela de Plymouth, para esta primeira viagem, que depois foi seguida por outras duas de circumnavegação, igualmente sob o seu commando; e a 13 de setembro deu fundo no porto do Funchal.

«A ilha da Madeira (diz o proprio Cook) que tem proximoamente 55 milhas inglezas de comprimento sobre 10 de largo, foi descoberta em 1419 por Gonçalves Zarco; e é sem fundamento que se diz que havia sido descoberta por um inglez, chamado Machin.» É um valioso testemunho, totalmente insuspeito, para oppor aos novelleiros do amante de Harfet.

Os diarios das viagens de Cook são escriptos com muita elegancia, e apresentam bellas descripções dos logares visitados, e curiosas noticias dos productos naturaes d'esses paizes. A Madeira parece ter agradado muito ao sabio navegador, pois que se occupa d'ella largamente. Do Funchal seguiu o *Endeavour* para Tenerife, e d'ahi para o Rio de Janeiro. Continuando a costear o sul da America, deu vista da Terra do Fogo, examinou cuidadosamente o estreito de Le Maire, e dobrando o cabo de Horn, passou para o mar occidental. Em abril de 1769 estava na ilha de Taiti, e em junho observava a passagem do planeta Venus sobre o disco do sol, que era um dos principaes objectos d'aquella viagem. Depois de reconhecer muitas ilhas nos mares do sul, passou entre as duas que compõem a Nova Zelandia, e chamou a este passo *Estreito de Cook*. Demorando-se bastante tempo entre os nossos antipodas, só partiu para a Nova Hollanda a 31 de março de 1770; e deu o nome de *Botany-Bay* (Bahia Botanica) a um porto da Nova Galles do sul, que é a parte oriental da Australia. Em seguida denominou *Port Jackson* ao que hoje se chama *Sidney*, e é capital d'aquella vasta colonia, que n'este momento lucta por se libertar do dominio inglez. Visitou depois a Nova Guiné, a ilha de Timor, e muitas outras, e voltou a Inglaterra pelo cabo da Boa Esperança. Ventilava-se então com muito enthusiasmo, entre os sabios, a grande questão geographica de haver ou não haver um continente austral, que equilibrasse as terras arcticas; e querendo o governo inglez fixar este ponto scientifico, encarregou a Cook de fazer um novo giro á

roda do globo, mas na mais alta latitude meridional que fosse possivel.

A 13 de julho de 1772 largou de Plymouth o capitão Cook a bordo do *Resolução*, acompanhado do *Aventura*, que era capitaneado por Tobias Furneaux, ex-tenente de Wallis. Dirigiram-se ao cabo da Boa Esperança, e d'ahi procuraram intrepidamente as regiões polares. Em 67° de latitude sul, viram-se rodeados de ilhas de gelo, soffriam intenso frio, e corriam os maiores perigos, sem contudo darem vista do procurado continente. Velejaram pois para a Nova Zelandia, e d'ahi para Taiti, reconhecendo muitas das ilhas que Bongainville havia descoberto, e ás quaes o navegador inglez deu novas denominações. Tendo-se separado os dous navios, Cook tentou de novo com o seu o caminho do polo, e chegou a 71 graus sul, onde a neve lhe não deixou passar ávante, mas não avistou a desejada terra. D'ahi voltou a Taiti, paraizo d'aquelles mares, reconhecendo ainda novas ilhas, entre as quaes as Novas Hebridas, que, segundo dissemos, não são outras senão a *Australia do Espirito Santo* de Queiroz. Em seguida descobriu a maior ilha do Pacifico, depois da Nova Zelandia, á qual chamou *Nova Caledonia*, e a pequena ilha de *Norfolk*, então deserta, e depois povoada por marinheiros inglezes. Atravessando para o continente da America, dobrou o cabo de Horn, e entrou no Atlantico, sempre conservando-se em uma latitude elevada. Descobriu a ilha *Georgia*, e reconheceu muitas outras, e a final deu o nome de *Thulé austral* a uma costa, a mais meridional que avistou, em 59° de latitude. Ainda depois deu vista de outros logares, em menores latitudes, taes como a *Terra de Sandwich*, que o descobridor duvidou afirmar se era um grupo de ilhas ou a ponta de um continente, as ilhas da *Candelaria*, e o promontorio *Montagu*; verificou a não existencia do cabo da *Circumcisão* de Bouvet, e depois de um giro inteiro em volta do polo, convenceu-se de que não havia continente austral, pelo menos até aonde os gelos permittam a navegação. De volta á Europa, soube no cabo da Boa Esperança que o capitão Furneaux e o *Aventura* já tinham regressado á patria, e chegou a Inglaterra a 29 de julho de 1775, tendo percorrido vinte mil leguas de mar, isto é, quasi tres vezes a circumferencia da terra.

Ainda terceira vez saiu ao mar este intrepido navegador. O seu destino era procurar ao norte a occulta passagem para a India, e determinar os limites da Asia e da America por aquelle lado, depois de explorar de novo os mares do sul. A 12 de julho de 1776 fez-se de vela a bordo da mesma corveta *Resolução*, em que fizera a anterior viagem, e seguido da *Descoberta*, navio de tresentas toneladas comprado a um particular pelo almirantado. O commando d'esta embarcação foi dado ao capitão Clerke, que fôra segundo da *Resolução*.

Depois de tocarem no cabo da Boa Esperança, e fazerem importantes reconhecimentos geographicos nos mares do sul, por onde se demoraram todo o anno de 1777, volveram ao rumo do norte no principio de 1778, e descobriram as ilhas de *Sandwich*, que tão fataes tinham de ser a Cook! D'ahi procuraram a costa occidental da America, e começando em a Nova Albion, aonde tinha chegado Drake, reconheceram mais de mil leguas de costa ainda não explorada, na direcção do norte, até ao cabo Gelado, em 70 graus de latitude, e aroando á Asia, descobriram o cabo Oriental, situado em 65° 46' de latitude septentrional, verificando a aproximação dos

dous continentes, do velho e do novo mundo, objecto ainda então duvidoso. Regressaram d'ahi ao archipelago de Sandwich, aonde em resultado de uma querella com os naturaes da ilha de Owhyhée, o grande capitão Cook foi traiçoeiramente assassinado pelas costas. (1779) Ouçamos King, successor do infeliz navegador no commando da *Resolução*, e que escreveu a ultima parte da relação d'esta viagem: «Assim terminou a sua carreira o grande homem que commandava a nossa expedição! (exclama elle) Depois de uma vida abrilhantada por emprezas tão maravilhosas e felizes, não se pode dizer que a sua morte fosse prematura. Tinha vivido bastante para dar á execução os nobres projectos, a que a natureza o destinára, e se foi roubado ao descanso e aos prazeres, que seriam o fructo de seus immensos trabalhos, nada faltou á sua gloria.»

Cumpra aqui registrar o testemunho de homenagem prestado por uma grande nação ao genio de Cook. Na epocha das hostilidades entre a França e a Inglaterra, em 1778, ordenou o governo de Paris a todos os navios da sua nação que deixassem passar livremente a *Descoberta* e a *Resolução*, quando encontrassem estas embarcações, e que longe de as tratar como inimigas, lhes fornecessem todos os socorros de que pudessem carecer; pois que, trabalhâdo o capitão Cook por alargar a esphera dos conhecimentos humanos, devia ser considerado como amigo de todas as nações da Europa!

Em quanto porém o capitão Cook executava estas importantes viagens, outros navegadores de não vulgar merecimento exploravam diversos mares e regiões pouco conhecidas ainda, creando para si gloriosa nomeada, e para a sciencia proveitosos subsidios. Logo no anno de 1769 foi a Nova-Zelandia visitada por Surville, francez de nação; e em 1770 o russo Liakhof aportava ás ilhas da Nova Siberia, que já tinham sido avistadas em 1711.

Para apresentarmos o genio de Cook em todo o seu brilhantismo, não quizemos interromper a serie das suas viagens; porém já antes da morte do illustre bretão um outro navegador celebre havia sido assassinado pelos barbaros d'aquelle mundo novissimo. Foi Marion, commandante das embarcações francezas *Mascarin* e *Castries*, que tendo dobrado o cabo da Boa Esperança, e descoberto varias ilhas em grande latitude meridional, veiu ser devorado, com mais vinte e sete homens das suas equipagens, pelos canibae da Nova Zelandia; talvez em vingança dos maus tratos que lhes dera o capitão Surville, dous annos antes. Crozet, que substituiu Marion no commando da expedição, e Ducllesmer, que capitaneava o outro navio, fizeram uma matança horrivel n'aquelles selvagens, e incendiaram-lhes todas as povoações da beira-mar; depois seguiram ainda por algum tempo o rumo do sul, e voltaram á ilha de França em 1772. Ao mesmo tempo o vice-almirante Kerguelin, tambem francez, descobria a terra do seu nome, ou *da Desolação*; Hearne visitava o mar polar arctico, subindo até uma consideravel latitude; Saint-Allouarn enxergava um archipelago, que primeiro teve o nome do descobridor, e passou depois a chamar-se *de Bonaparte*; e Bonecheo, navegador hespanhol, encontrava a ilha *Narciza*.

Vancouver, distincto nauta britannico, começou em 1773, pela descoberta das ilhas de Chatam, no Pacifico, a longa serie dos seus importantes trabalhos maritimos; e no mesmo anno outros navegadores inglezes, Filippis e lord Malgrave, exploraram o oceano glacial arctico. Quadra, hespanhol, desencantou

a ilha do seu nome, nos mares da quinta parte do mundo, em 1775. No mesmo anno o inglez Forrest visita a Nova Guiné, e é o primeiro a dar noticias exactas sobre os habitantes e as produções d'aquelle paiz. Maurele descobriu a ilha de S. Agostinho e outras, em 1781. Marshall e Gilbert descobrem dous archipelagos no mar Pacifico, aos quaes impõem os seus nomes. (1783) E, quasi pelo mesmo tempo, o inglez Jorge Bligh, encontra diversas ilhas na proximidade da Nova Zelandia e estreito de Torres.

Finalmente La Peyrouse começa a sua desgraçada viagem á roda do mundo no dia 1.º de agosto de 1785. Como Magalhães, Marion e Cook, este novo circumnavegador tinha de acabar n'aquellas distantes ilhas da Oceania. Das equipagens da fragata *Bussola*, que elle commandava, e da *Astrolabio*, capitaneada por Langle, sob as suas immediatas ordens, nem um só homem voltou á Europa.

João Francisco Galaup de La Peyrouse, nasceu em Alby no anno de 1741. Depois de passar quasi toda a vida em viagens e combates maritimos, foi escolhido para dirigir uma expedição sciéfica a varios pontos do globo, sendo então chefe de esquadra da marinha franceza. Safu de Brest, e tocando nas ilhas da Madeira e de Tenerife, dirigiu o rumo para a costa do Brazil, dobrou o cabo de Horn, e começou a visitar differentes ilhas da Oceania. Do archipelago de Sandwich aproou ao norte da America, e navegando até uma alta latitude deu o nome de *Porto dos Francezes*, a uma bahia, aonde teve de se demorar algum tempo para concertar os navios, e aonde perdeu 21 homens da sua tripulação em dous escales que o mar enguliu.

Depois de varias explorações n'esta costa, atravessou o oceano occidental em direcção á China, e no principio do anno 1787 estava fundeado em Macau. D'ahi passou ao mar do Japão, á costa da Tartaria, e descobriu o *Estreito de La Peyrouse* entre Jesso e Oku-Jesso; visitou a península de Kamtschatka, e dirigindo-se de novo para o hemisferio austral, percorreu aquella parte do grande oceano equatorial, onde existe uma zona de 12 a 15 graus de extensão de norte a sul, e de 140 graus de leste a oeste, semeada de ilhas, que é, sobre o globo terrestre, a imagem da via lactea no céu. Chegado á ilha de Maouna, passa pelo desgosto de ver assassinado o capitão Langle, e mais onze de seus companheiros, e feridos gravemente outros vinte; e afastando-se d'estes selvagens, toca ainda em muitas outras ilhas, e chega a *Botany-Bay* em principio de 1788. D'ahi é datado o ultimo officio d'este celebre navegador para o ministerio da marinha.

Só quarenta annos depois foram encontrados os restos dos dous navios d'esta expedição, no fundo da bahia de Manevae, ilha de Vanikoro. Segundo as informações dos selvagens a *Bussola* e o *Astrolabio*, tinham ali naufragado em uma noite escura, e havendo-se salvado a nádo a maior parte das tripulações, armaram um pequeno barco, dentro do qual se aventuraram de novo sobre as aguas. O destino d'esta embarcação ignora-se completamente!

La Peyrouse ficou, provavelmente, sepultado nas vagas. E se voltasse á França o que lhe succederia? Não se afiava então a hacha niveladora de Robespierre para cortar todas as cabeças que excediam a craveira da mediocridade?... O circumnavegador seria, talvez, decapitado sobre o cadafalso. Melhor foi assim!

F. M. BORDALO.

LÃ EXTRAHIDA DAS FOLHAS DOS PINHEIROS.

Ha cincoenta annos a esta parte a sociedade tem-se enriquecido com uma multidão de productos naturaes, de que até então não fazia uso algum.

Recordaremos como os mais importantes, pela generalisação do seu emprego, o caout-chouc, ou gomma elastica, o guano, e mais recentemente ainda, a gutta-percha; agora apresenta-se um novo producto, que parece destinado a prestar bons e uteis serviços.

Existem nas cercanias de Breslau, em uma propriedade, que se denomina *prado Humboldt*, dous estabelecimentos mui notaveis; um é uma fabrica, na qual as folhas dos pinheiros são convertidas em uma especie de algodão ou lã; no outro a agua, que servira á manipulação d'esta lã vegetal é utilizada sob a forma de banhos hygienicos. Estes dous estabelecimentos foram organizados sob a direcção de mr. Pannewitz, que é um dos inspectores geraes das matas da Prussia, e inventor de um processo chimico, por meio do qual se obtem uma bella substancia fibrentosa das folhas pontegudas do pinheiro. Deu-se a esta substancia o nome de *Holzwohle*, ou lã de madeira, porque se parece com a lã ordinaria, podendo preparar-se e tecer-se como esta.

O pinheiro de Escocia (*pinus sylvestris*) dá este novo producto. Se o emprego das suas folhas se generalisar, já se vê que o *pinus sylvestris* será objecto de mais cuidadosa cultura do que até aqui, em muitos paizes.

As folhas lineares dos pinheiros, e das coniferas em geral, compõem-se de um tecido de fibras extremamente finas e tenaces, envolvidas por tenues pelliculas de uma substancia resinosa. Dissolvendo esta substancia pelo processo de cocção, e com o auxilio de certos reagentes chimicos, consegue-se separar-lhe as fibras, lavar-as, e extrahir-lhes todas as materias estranhas. Segundo o methodo que se empregar assim o producto obtido poderá applicar-se a tecidos grosseiros, ou para encher colchões, estofar trastes, etc.

Na Allemanha tem-se tirado optimo resultado de encher os colchões e travesseiros das camas com esta lã. Nos hospitaes de Vienna, Berlim e Breslau estão já em uso ha annos, reconhecendo-lhe a experiencia muitas vantagens; sendo as principaes, obstar ao desenvolvimento dos insectos parasitas, e o agradável aroma, que derrama.

Verificou-se tambem que um colchão de lã de pinho ficava mais barato no fim de cinco annos que uma enxerga; por isso que a esta tem de se renovar todos os annos a palha. Saem tres vezes mais baratos que os colchões deolina; prescindindo-se da circumstancia mui attendivel de não crearem persovelhos, e outros insectos.

Esta lã, como dissemos, é susceptivel de se fiar e tecer. A mais fina dá um fio semelhante ao do linho, e igualmente forte; depois de fiada, tecida e cardada, o estofa que se obtem pode empregar-se em tapetes, cobertores, etc.

Durante a preparação d'esta lã forma-se um oleo etheriforme, de aroma mui activo, e de côr esverdeada, que exposto á luz solar toma uma côr alaranjada; mas que subtrahido a essa influencia, reassume a primitiva. Quando se rectifica torna-se tão incolor como a agua; differindo comtudo da essencia de terebenthina que se extrahe da mesma arvore. Emprega-se com excellentes resultados nas affecções gottosas e rheumatismas, nas feridas, e tambem em certos casos de tumores cutaneos. Rectificado entra

na preparação das lacas para as melhores qualidades de verniz: é tão bom para a illuminação como o azeite de oliveira, e dissolve o caout-chouc completamente, e em pouco tempo.

Agora diremos duas palavras ácerca dos banhos. Reconhecendo-se que a applicação externa do liquido que restava depois da cocção das folhas tinha vantajosos resultados, annexou-se á fabrica um estabelecimento de banhos. Aquelle liquido é esverdeado, e segundo o processo empregado, gelatinoso, balsamico, ou acido.

Quando se pretende tornar os banhos mais energeticos dissolve-se no mesmo liquido uma certa quantidade do extracto obtido da distillação do oleo de que acima fallamos. Faz-se além d'isto engrossar o proprio liquido, concentrando-o; e vende-se assim, em vasos tapados, ás pessoas que desejam tomar o banho em suas proprias casas.

Ha já nove annos que funciona o estabelecimento de banhos a que nos referimos, e desde então tem crescido constantemente, com a reputação da sua efficacia, o numero dos concorrentes, e os interesses do proprietario.

Mas não é só na Allemanha que se tem reconhecido a vantagem d'este novo producto.

Em Hollanda estabeleceu-se ha pouco tempo uma fabrica de lã vegetal e de oleo empyreumatico. Esta fabrica, fundada em Bennekom pelo cavalheiro Nemeier de Rosenthal, e dirigida por mr. Panhorst, já consomme mais de 1:200 arrateis de folhas de pinheiro por dia. O preço por que a fabrica compra cada arratel regula por 4 réis.

São muitos os terrenos que temos desaproveitados, e condemnados a uma esterilidade desoladora; se os povoassemos de pinheiros, não só o estado sanitario de muitas localidades melhoraria espantosamente, mas até seria uma nova grande riqueza com que assim se dotava a nossa patria.

A descoberta da lã vegetal, que se attribue a Weiss de Zuchmantel (Silesia austriaca) tornaria ainda mais preciosas essas novas matas, como pode imaginar-se.

Entregâmos estas reflexões á consideração dos nossos agricultores.

BIBLIOGRAPHIA.

O HOMEM DE OURO (CONTINUAÇÃO DOS HOMENS DE MARMORE) DRAMA EM 3 ACTOS, PELO SR. J. DA S. MENDES LEAL JUNIOR. LISBOA, 1855.

O HOMEM DE OURO, recebido com applauso na scena, vem buscar na publicidade da imprensa occasião para novo triumpho. E nós crêmos que ninguém se negará a segar a palma que o auctor merece por este seu recente trabalho, que não é de certo indigno da sua alta reputação como poeta dramatico.

Oxalá que a promessa que o sr. Mendes Leal Junior faz no elegante e conceituoso prologo do *Homem de Ouro*, se realise brevemente, e possâmos ver concluida a brilhante trilogia moral, de que aquelle drama é a segunda parte, e *Os Homens de Marmore* a primeira.

É a presente edição, impressa em bom typo e papel, acompanhada de um extenso juizo critico, escripto pelo sr. Ernesto Biester.

O drama *Homem de Ouro* vende-se na livraria do editor d'este semanario, e em casa dos seus correspondentes, tanto em Lisboa, como nas provincias, ultramar, e estrangeiro. Preço, brochado, 300 réis.